

Dossiê: Velhices e experimentações teórico-metodológico em antropologia**Envelhecer no Andirobal: Velhice, Afeto e Permanência em Território Quilombola**

Mayara Stephany Araujo Ferreira

Bacharela em Ciências Sociais

Pesquisadora autônoma

mayarasaraujof@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0002-9785-9243>

Andressa Lidicy Morais Lima

Doutora em Antropologia Social

Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

andmoraislima@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-2232-0799>**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar o envelhecimento no quilombo do Andirobal, zona rural de Pinheiro (MA), como prática de resistência e permanência em uma comunidade quilombola. Parte-se da compreensão de que envelhecer, nesse contexto, constitui-se como experiência social e territorial, atravessada por gênero, raça e pertencimento comunitário. O texto aborda a pluralidade das velhices, articulando as experiências masculinas, marcadas pela lida da roça e pela produção de memória, às femininas, centrais nas práticas de cuidado e na economia da partilha. O diário de Francisco dos Remédios é mobilizado como contra-arquivo, tensionando o apagamento histórico. Metodologicamente, a pesquisa combina etnografia, história de vida e uma abordagem situada e afetiva. Como resultado, argumenta-se que a velhice no Andirobal opera como prática de continuidade, sustentando saberes, vínculos e a relação com o território, contribuindo para uma compreensão do envelhecimento para além de perspectivas biomédicas e individualizantes.

Palavras-chave: Envelhecimento; Antropologia Social; Quilombo; Contra-Arquivo; Etnografia; Práticas de Cuidado.

Growing Old in Andirobal: Old Age, Affection and Permanence in a Quilombola Territory

ABSTRACT

This article aims to analyze aging in the Andirobal quilombo, a rural area of Pinheiro (MA), as a practice of resistance and permanence in a quilombola community. It starts from the understanding that aging, in this context, constitutes a social and territorial experience, traversed by gender, race, and community belonging. The text addresses the plurality of old age experiences, articulating masculine experiences, marked by farming and the production of memory, with feminine experiences, central to care practices and the economy of sharing. Francisco dos Remédios' diary is mobilized as a counter-archive, challenging historical erasure. Methodologically, the research combines ethnography, life history, and a situated and affective approach. As a result, it argues that old age in Andirobal operates as a practice of continuity, sustaining knowledge, bonds, and the relationship with the territory, contributing to an understanding of aging beyond biomedical and individualizing perspectives.

Keywords: Aging; Social Anthropology; Quilombo; Counter-Archive; Ethnography; Care Practices.

Envejecer en Andirobal: Vejez, Afecto y Permanencia en un Territorio Quilombola

RESUMEN

Este artículo analiza el envejecimiento en el quilombo de Andirobal, zona rural de Pinheiro (MA), como una práctica de resistencia y permanencia en una comunidad quilombola. Parte de la premisa de que el envejecimiento, en este contexto, constituye una experiencia social y territorial, marcada por el género, la raza y la pertenencia a la comunidad. El texto aborda la pluralidad de experiencias de la vejez, articulando las experiencias masculinas, marcadas por la agricultura y la producción de memoria, con las experiencias femeninas, centrales en las prácticas de cuidado y la economía del compartir. El diario de Francisco dos Remédios se moviliza como un contraarchivo que desafía el borrado histórico. Metodológicamente, la investigación combina la etnografía, la historia de vida y un enfoque situado y afectivo. En consecuencia, se argumenta que la vejez en Andirobal funciona como una práctica de continuidad, que sostiene el conocimiento, los vínculos y la relación con el territorio, contribuyendo a una comprensión del envejecimiento que trasciende las perspectivas biomédicas e individualistas.

Palabras clave: Envejecimiento; Antropología social; Quilombo; Contra Archivo; Etnografía; Prácticas de cuidado.

Introdução

Este artigo é uma colaboração¹ com a memória e o trabalho de Francisco dos Remédios, agricultor e co-autor por meio de seu diário, um registro precioso de nomes, histórias e eventos do quilombo do Andirobal. A escrita deste artigo é um convite para refletir sobre como a velhice, no nosso território, não é apenas um processo biológico, mas uma prática de resistência e um ato político. Inspirado por sua insistência em nomear e não esquecer, este trabalho reconhece a velhice como um lugar de mediação entre o passado e o futuro, e tem como objetivo analisar as formas de envelhecimento vividas na comunidade quilombola de Andirobal, destacando as práticas de memória, cuidado e permanência territorial que estruturam a experiência da velhice.

Andirobal é uma comunidade quilombola² localizado na zona rural do município de Pinheiro, no Maranhão. Desde 1920, enraizado na agricultura de subsistência, nas festas religiosas e na partilha comunitária. A ausência histórica de políticas públicas deixou marcas que vão desde as estradas precárias à invisibilidade governamental, mas a vida nunca deixou de acontecer ali. O território se sustenta em redes de apoio, nos fogões de barro, nas casas de taipa que já foram escolas, na coletividade que garante a continuidade. Falar do Andirobal é falar de um lugar que não se reduz a um ponto no mapa, mas que se expressa na memória viva de quem permaneceu e pertenceu.

Escrever este artigo é continuar o trabalho de Francisco, mas também assumir minha posição como autora e pertencente. Não falaremos de fora, mas a partir de uma experiência situada, atravessada por memórias, práticas cotidianas e relações de cuidado construídas no interior da comunidade a partir do pertencimento de uma das autoras e da colaboração da outra no que se refere ao efeito de construção e reflexão deste texto. A pesquisa, nesse sentido, configura-se como um exercício de aproximação, no qual a

¹ Este artigo é uma colaboração com a memória e o trabalho de Francisco dos Remédios, avô da primeira autora, agricultor e um dos guardiões da memória comunitária no Andirobal.

² Ao longo deste trabalho, o povoado Andirobal é referido, em diferentes momentos, como comunidade, povoado ou quilombo. Essa variação não se trata de imprecisão conceitual, mas reflete a própria dinâmica local de nomeação. Embora as práticas, modos de vida e formas de organização social possam ser compreendidas, à luz da literatura, como constitutivas de um processo quilombola, tal designação nem sempre é mobilizada pelos próprios moradores em sua vida cotidiana. Em muitos casos, há uma preferência pelos termos “comunidade” ou “povoado”, seja por reconhecimento mais imediato, seja por uma relação cautelosa com categorias que, historicamente, podem implicar tanto visibilidade quanto vulnerabilidade. Assim, a escolha terminológica neste texto busca respeitar essa ambivalência, reconhecendo o quilombola como processo analítico, sem desconsiderar as formas locais de autoidentificação.

trajetória coletiva do Andirobal também constitui o horizonte de autocompreensão do fazer pesquisa. Mais do que um exercício individual, esta escrita se estabelece como prática de partilha e devolução, articulando experiência vivida e elaboração analítica, de modo a evidenciar a inseparabilidade entre produção de conhecimento e pertencimento social.

A distinção entre envelhecimento e velhice tem sido amplamente debatida na literatura. Guita Debert (1999) analisa esse fenômeno como parte de uma transformação contemporânea nas formas de significar o envelhecimento, marcada pela valorização de atributos como atividade, autonomia e realização pessoal. Nesse contexto, a “terceira idade” configura-se como uma identidade social que desloca o envelhecimento de uma condição associada ao declínio para uma etapa potencialmente produtiva e satisfatória. No entanto, a autora interpreta esse processo como uma forma de reprivatização da velhice, ao transferir para o indivíduo a responsabilidade pela gestão de sua própria trajetória de envelhecimento.

Em diálogo com autores como Andrew Blaikie (1999) e Clarice Peixoto (2004), essa perspectiva crítica evidencia que a centralidade desse modelo tende a obscurecer outras experiências, especialmente aquelas marcadas por dependência, fragilidade ou por condições estruturais desiguais. Essa discussão sugere contornos específicos quando considerado territórios quilombolas, nos quais o envelhecimento não se configura prioritariamente como experiência individualizada, mas como processo coletivo, relacional e territorializado. Nesses contextos, a velhice está frequentemente associada à transmissão de saberes, à manutenção da memória e à sustentação de práticas de cuidado e pertencimento, tensionando os limites do modelo individualizante da “terceira idade”.

Desse modo, a diferenciação entre envelhecimento (enquanto processo) e velhice (enquanto construção social) mostra-se fundamental para compreender a pluralidade de experiências analisadas neste trabalho, sobretudo ao evidenciar formas de envelhecer que se estruturam a partir da coletividade, da memória e da permanência no território.

No Andirobal, velhices não são uma só. São múltiplas, plurais, vividas na roça, no quintal, no corpo cansado que ainda dança nas festas, na escrita hesitante que vira arquivo comunitário, na reza em voz baixa que sustenta uma coletividade inteira. Envelhecimentos femininos, que mantêm o fogo aceso e transformam a andiroba em óleo, sabão, remédio e sustento. Envelhecimentos masculinos, que carregam a memória de disputas por terra, a lida no campo e por vezes, escrevem nomes para que não se apaguem. Envelhecimentos comunitários, que se entrelaçam em práticas de cuidado, solidariedade e partilha.

É nesse contexto que o diário de Francisco³ aparece como gesto político e pedagógico. Caderno simples carregado de nomes, histórias e lembranças, ele foi escrito com a urgência de quem sabe que o esquecimento, para comunidades como a nossa, não é acaso, mas sentença. Nele, meu avô registra a chegada dos primeiros moradores, os conflitos por terra, os festejos que animavam o quilombo, os conselhos e medos que atravessaram décadas. Ao me mostrar esse diário, ele não me entregava apenas papéis: entregava um chamado. “Se os jovens não sabem, não lutam”, ele me disse, e sendo assim, a pesquisa não poderia ser apenas observação, mas envolvimento (Bispo, 2023).

Assumir esse diário como fonte e como coautoria é também reconhecer que a pesquisa é atravessada por afetos. Minha posição de neta e pesquisadora não é contradição, mas método: é na proximidade, na intimidade e no laço de cuidado que a memória se sustenta como resistência. A ética aqui não é apenas acadêmica, mas comunitária, escrever junto é devolver, é fazer justiça à insistência dos mais velhos que são figuras sagradas na comunidade⁴.

Ao acompanhar esses rastros, este trabalho se inscreve no debate antropológico sobre a pluralidade das velhices, mas a partir de um lugar específico: a experiência vivida, afetiva e enraizada em um território que resiste. Aqui, envelhecer é também resistir. É permanecer no tempo da memória, sem abdicar da abertura para o que ainda germina. É cultivar um presente que se reconhece como ponte entre o passado e o futuro.

Neste artigo, a pluralidade dessas experiências será explorada em três seções principais. A primeira, “Envelhecimento na lida e na memória”, examinará as manifestações da velhice dos homens, marcadas pelo trabalho no campo e pela criação de arquivos de memória, como o diário de Francisco. A segunda, “Envelhecimento no cuidado e na partilha”, se dedicará às velhices das mulheres, destacando seu papel central nas práticas de cuidado e na *economia da dádiva* que sustenta a comunidade. A terceira seção, “Envelhecer no Andirobal: mais que lida, memória e partilha”, ampliará o olhar para o envelhecimento quilombola em comunidades mais amplas, abordando a interseção entre raça, pertencimento e resistência cultural.

³ Francisco é avô da primeira autora.

⁴ No contexto do Andirobal, a atribuição de sacralidade aos mais velhos não se refere a uma dimensão religiosa formal, mas ao reconhecimento de seu papel como guardiões da memória, mediadores de conflitos e transmissores de saberes práticos e cosmológicos. Essa condição se constrói na experiência cotidiana, na autoridade conferida pela vivência e na centralidade que ocupam nas redes de cuidado e decisão coletiva. Assim, os mais velhos são investidos de legitimidade simbólica, sendo frequentemente acionados como referências no interior da comunidade.

Ao adotar essa divisão, busca-se evidenciar a interseccionalidade que molda o envelhecimento, considerando gênero, raça e experiência histórica quilombola. Por fim, as considerações finais abordarão a pesquisa como um ato de partilha e de experimentação metodológica, reiterando a tese de que a velhice, no contexto do Andirobal, transcende a dimensão biológica, revelando-se como uma prática de resistência, um modo de permanecer em movimento e de garantir que território e memória não sejam apagados, mas sim, um trabalho de vigília (Sharpe, 2023).

Envelhecimento na lida e na memória

Esta seção analisa o envelhecimento no Andirobal como um processo social e territorializado, no qual a velhice masculina se constitui na articulação entre trabalho agrícola, memória e vivência comunitária. Entendemos que envelhecer no Andirobal está longe de ser uma experiência homogênea, pois a velhice se distribui em camadas de gênero, classe e raça, atravessada pela condição rural e pelo pertencimento comunitário.

Para os homens agricultores, como Francisco, o envelhecimento se inscreve nos corpos marcados pela lida da roça: mãos calejadas, coluna curvada, mas também uma sabedoria de chão que se converte em autoridade moral, essa autoridade se manifesta, por exemplo, na capacidade de saber as horas pela posição do sol, de prever o tempo observando o vento ou a chegada de pássaros, de conhecer o momento certo para o plantio e a colheita, guiando a comunidade e as novas gerações.

Essas velhices rurais se diferenciam das imagens urbanas e medicalizadas do envelhecimento ativo, mas não deixam de ser práticas de vitalidade. Ir à roça, acender a fogueira de São João, rezar o terço coletivo, dançar nas domingueiras⁵: tudo isso são modos de manter-se vivo, de permanecer inserido em um tempo que não é linear, mas circular, essa dinâmica evidencia o que se pode compreender como uma ética da continuidade, na qual a permanência da vida coletiva depende da circulação da memória, tradição, saberes e da manutenção dos vínculos entre gerações. Como escreve Nego Bispo (2023), pertencer ao território exige envolvimento, e esse envolvimento só se sustenta no tempo lento da escuta e da repetição. A velhice, nesse sentido, não é fim, mas reafirmação da continuidade, raiz que insiste em nutrir a árvore mesmo quando o tronco já parece cansado.

⁵ Evento cultural informal, geralmente realizado aos domingos, que celebra a música reggae, promovendo a dança, a socialização e a disseminação dos valores associados ao movimento.

No contexto de envelhecimento algumas fragilidades contribuem para a manutenção e persistência de desigualdades, por exemplo, no acesso à saúde. A marginalização institucional pesa sobre essas velhices, no contexto rural e quilombola, esse processo se expressa de forma particular, sobretudo nas limitações de implementação de políticas públicas como a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (PNSIPCFA), cuja efetividade ainda é atravessada por desafios como a baixa cobertura territorial, a dificuldade de acesso geográfico e a insuficiente articulação com os saberes locais. Isto reforça a invisibilidade dessas populações nos sistemas oficiais, aposentadorias insuficientes e ausência de políticas de saúde.

Essas fragilidades não se limitam à precariedade dos serviços, mas revelam uma lógica mais profunda de gestão desigual da vida. Como propõe Achille Mbembe (2018), a necropolítica opera na definição de quais vidas são consideradas dignas de cuidado e quais podem ser deixadas à margem. No contexto rural e quilombola, essa lógica se expressa não apenas na morte física, mas na produção sistemática de condições de vida precárias, na dificuldade de acesso à saúde, à educação e à permanência no território.

Envelhecer no Andirobal, nesse sentido, é também atravessar essas políticas de invisibilização sem deixar de produzir vida. Os corpos envelhecidos, marcados pelo trabalho e pela ausência histórica de garantias estatais, tornam-se testemunho dessa tensão: são, ao mesmo tempo, alvo de negligência estrutural e prova de resistência contínua. Permanecer vivo, envelhecer e sustentar a comunidade, nessas condições, é mais do que um processo biológico, é um gesto cotidiano de enfrentamento a uma lógica que insiste em tornar essas existências descartáveis.

A precariedade do acesso à escola formal e a falta de reconhecimento estatal fizeram com que muitos fossem nomeados “analfabetos”, ainda que tenham sido mestres da oralidade e guardiões de saberes. É nesse vazio que o diário de Francisco se ergue como *contra-arquivo*: ao escrever os nomes dos primeiros moradores, ele recusa o apagamento e reivindica a memória como direito.

Mas a velhice no Andirobal também é potência. Potência de sustentar uma coletividade que, mesmo diante da negligência, insiste em viver com fartura, cuidado e partilha. Potência de criar outras pedagogias, como as casas de taipa transformadas em escolas comunitárias antes da chegada da escola formal, tratando-se de uma pedagogia de caráter intergeracional, na qual os mais velhos assumem papel central na transmissão de saberes práticos, valores e formas de organização da vida coletiva, evidenciando que o

envelhecimento não implica afastamento, mas reposicionamento nas dinâmicas de ensino e aprendizagem comunitária.

Potência de dialogar com o território em termos de *biointeração* (Bispo, 2023), onde envelhecer é também cuidar das árvores, dos bichos, do chão, se na juventude a interação com a terra se orienta majoritariamente pela força de trabalho, na velhice ela se reconfigura como experiência de leitura do ambiente, de aconselhamento e de mediação entre gerações. Envelhecer, nesse sentido, implica uma mudança qualitativa na biointeração, marcada pela ampliação da escuta, da memória ecológica e da responsabilidade pela continuidade das práticas de cuidado com o território.

Essas velhices diversas dialogam com experiências de outros contextos quilombolas e populares no Brasil. Elas nos lembram que envelhecer não é apenas um dado biológico, mas um processo situado, atravessado por interseccionalidades. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva antropológica que entende a velhice não como etapa universal e homogênea, mas como construção social e cultural, cujos significados variam conforme os contextos históricos, territoriais e relacionais nos quais se inscrevem. Os homens, envelhecem nas roças, no trabalho braçal, mas não só, envelhecem na escrita de rastros como a de Francisco dos Remédios. No Andirobal, o *vestígio* se materializa nos corpos envelhecidos que continuam cantando, trabalhando, escrevendo, rezando — e que, ao fazê-lo, mantêm aberta a possibilidade de futuro. Como observa Christina Sharpe (2023), o *vestígio* é o que permanece e insiste, mesmo diante do apagamento.

A juventude, quando parte para a cidade, carrega consigo a memória de quem ficou; quando retorna, encontra o risco de não reconhecer mais o lugar. Quando Francisco alerta: “se os jovens não sabem, não lutam”, ele quer dizer que a velhice se constitui também como *vigília* (Sharpe, 2023), o trabalho de vigiar o fio que liga uma geração à outra, insistir para que ele não se rompa. O envelhecimento, nesse sentido, é mediação: não apenas passagem de tempo, mas ponte entre os que vieram antes e os que ainda virão.

Envelhecer é permanecer na memória e pela memória. Para Francisco, a velhice nunca se resumiu ao corpo cansado ou ao tempo contado. Sua velhice é arquivo vivo: diário onde escreve nomes e histórias, falas repetidas no quintal, conselhos dados sem pressa, lembranças compartilhadas em meio a rezas e mutirões. Guardar rastros é sua forma de permanecer. E é também sua forma de ensinar que a memória não é apenas passado, mas tecnologia ancestral do futuro⁶.

⁶ Nesse contexto, a noção de “tecnologia ancestral” refere-se a um conjunto de práticas, saberes e formas de registro que, embora não institucionalizadas nos moldes técnicos modernos, operam como

O diário, feito de anotações simples sobre moradores, perdas, vitórias e lutas da comunidade, é uma recusa ao apagamento que pesa sobre comunidades quilombolas. Como lembra Derrida (2001), todo arquivo é também uma forma de poder: ele decide o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido. Ao escrever de próprio punho, Francisco rompe essa lógica, abrindo espaço para que sua velhice seja não apenas lembrança, mas continuidade.

Cada página é também um gesto de resistência ao *epistemicídio*⁷ (Santos, 2007), no contexto do Andirobal, esse apagamento incide sobre conhecimentos construídos na oralidade, na prática agrícola e na vida comunitária. Em diálogo com Nego Bispo (2023), é possível compreender esses saberes como formas legítimas de produção de conhecimento, enraizadas no território e na experiência coletiva, tensionando epistemologias hegemônicas. Ao mesmo tempo, a mobilização do conceito de epistemicídio exige atenção ao lugar de enunciação de Boaventura de Sousa Santos (2007), reconhecendo tanto sua contribuição para a crítica ao colonialismo epistemológico quanto os limites de sua formulação frente às experiências concretas das comunidades que vivenciam esses processos que tentam decretar nossa inexistência desde o nascimento.

A memória, no entanto, não está apenas no caderno. Ela circula na oralidade e essa circulação aproxima-se do que Nego Bispo (2023) denomina “palavras germinantes”, aquelas que, ao serem repetidas e partilhadas, produzem continuidade, enraizamento e possibilidade de futuro.

Envelhecer no Andirobal, portanto, não é um processo de retração, mas de participação ativa na vida comunitária. O que a biomedicina chama de “envelhecimento ativo”, marcado por exercícios físicos, consumo e autocuidado individualizado, ganha outra gramática aqui: é a participação nos mutirões⁸ da roça, é a presença nos festejos do padroeiro, é a voz que entoia cantos coletivos. Ativo não porque segue a lógica da produtividade, mas porque insiste em manter vivos os vínculos que alimentam a

dispositivos de produção, armazenamento e transmissão de conhecimento. A memória, materializada no diário e na oralidade, funciona como uma tecnologia de continuidade, capaz de garantir a permanência de saberes e de orientar ações futuras no interior da comunidade.

⁷ Boaventura de Sousa Santos (2007) propõe o conceito para nomear a destruição ou apagamento sistemático de saberes de grupos sociais historicamente marginalizados, impedindo seu reconhecimento e valorização.

⁸ Os mutirões, não são apenas um esforço coletivo de trabalho, mas um modo de vida sustentado pelo princípio do compartilhamento. Trata-se de uma mobilização coletiva da comunidade para execução de um serviço, prática baseada na solidariedade e na reciprocidade. Nessa lógica, a casa não era apenas abrigo individual, mas extensão da coletividade, um símbolo da vida em comum.

coletividade, noutros termos, podemos dizer: *biointerativos*, em alusão ao próprio Bispo (2023).

É nesse sentido que a memória se aproxima do conceito de vestígio elaborado por Christina Sharpe (2023). Para ela, o vestígio não é apenas ruína ou resto: é aquilo que permanece e continua nos atravessando, mesmo depois do tempo oficial ter declarado o fim. No Andirobal, o vestígio é a casa de farinha que resiste mesmo sem dono, é a fogueira de São João que segue sendo acesa a mais de 100 anos, é o diário de Francisco que insiste em nomear os que o Estado tentou esquecer. Como diz Sharpe, “viver no vestígio é viver no presente que carrega o passado que ainda não passou” (Sharpe, 2023 apud Lima, 2024, p. 272).

O envelhecimento, nesse horizonte, não é apenas biológico. É um trabalho de vigília, um exercício de escuta atenta ao que permanece. Vigiar os vestígios, cuidar daquilo que insiste em existir, garantir que a memória não se transforme apenas em saudade. Envelhecer em comunidade é isso: saber que a vida continua enquanto a memória circula. A cozinha, a festa, o terço, todos são tecnologias de permanência, que transformam a velhice em lugar de transmissão, afeto e política. Cada gesto repetido é memória encarnada, vestígio vivo. E é nesse gesto que se inscreve a ética da continuidade: enquanto houver quem lembre, haverá quem permaneça.

Envelhecimento no cuidado e na partilha

O envelhecimento não pode ser pensado sem as práticas cotidianas que mantêm a comunidade de pé. A velhice das mulheres se mostra nos gestos de sustentar e de organizar a cozinha comunitária como lugar de encontro e cuidado, mas não só, se o diário de Francisco é um contra-arquivo, o ato de transformar o fruto da andiroba é um contra-gesto. As mãos das mulheres que pacientemente fervem a andiroba, extraem seu azeite e o convertem em sabão, óleo e remédio, estão escrevendo uma outra história.

É válido destacar que esses produtos não são comercializados, essa dimensão não mercantil da produção insere-se em uma lógica mais ampla de organização da vida comunitária, que Nego Bispo (2023) denomina como *compartilhamento*. Diferentemente das dinâmicas de troca mediadas por equivalência ou valor monetário, o compartilhamento se estrutura na circulação de bens e saberes a partir da necessidade e da confiança, deslocando a centralidade do cálculo econômico para a manutenção dos vínculos sociais. No Andirobal, isso se expressa no fato de que os produtos derivados da andiroba, assim como

a farinha, o peixe ou o beiju, não são reduzidos ao estatuto de mercadorias, mas como extensões do trabalho coletivo e da vida compartilhada.

Tal lógica aproxima-se do que Marcel Mauss ([1924] 2003) definiu como economia da dádiva, na qual dar, receber e retribuir constituem um sistema relacional que ultrapassa a dimensão material da troca. Nessa perspectiva, o que circula não é apenas o objeto, mas o tempo, o trabalho e a memória de quem o produziu. No contexto do Andirobal, ao compartilhar um alimento ou um derivado como o óleo de andiroba, não se distribui apenas um bem, mas também a presença de quem o fez, reforçando os laços que sustentam a coletividade⁹.

O óleo de andiroba é um vestígio vivo de uma medicina ancestral, de um conhecimento que não se apaga e de uma *economia da partilha* que sustenta a vida. Como lembra Mariléia de Almeida (2021), o *dever quilombola* é feminino não apenas por ser vivido por mulheres, mas por trazer consigo uma temporalidade do cuidado, da paciência e da repetição, que garante a continuidade. Esses gestos repetidos, muitas vezes invisíveis, são os que fundam a comunidade (Figura 1).

Figura 1 – Cozinha de Francisco



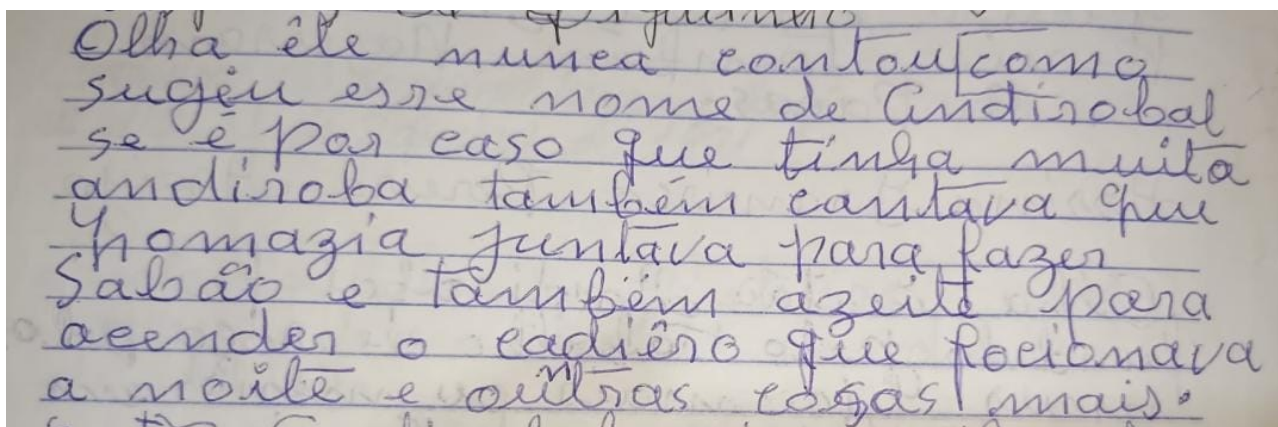
⁹ Essa forma de organização tensiona a lógica utilitarista que orienta as economias de mercado, nas quais os vínculos tendem a ser mediados por valores quantificáveis. Conforme argumenta Alexandre Simão de Freitas (2004), a crítica à razão utilitária evidencia a insuficiência de modelos baseados exclusivamente no cálculo para compreender formas de vida nas quais o valor se constrói nas relações. No Andirobal, a ausência de centralidade do dinheiro não implica ausência de valor, mas a presença de outra racionalidade, na qual a suficiência compartilhada se sobrepõe à acumulação individual.

Fonte: Arquivo Pessoal. Andirobal/MA, 2024.

Mariléia de Almeida (2021), diz que o devir quilombola é feminino porque é ele quem sustenta o chão do amanhã sem romper com o ontem, é memória transformada em prática, tempo, cuidado pelas mãos de quem insiste em manter o território vivo. Esse devir se manifesta na repetição paciente dos trabalhos, mas também na criação silenciosa de outro tempo. Contra a lógica colonial que exige pressa, eficiência e resultado, as mulheres do Andirobal sustentam o tempo da insistência, da repetição e da continuidade. É o tempo de ferver a andiroba para extrair azeite, de ralar a mandioca para fazer farinha, de esperar a massa assar no forno de barro. Envelhecer, nesse horizonte, não é afastar-se da vida comunitária, mas mergulhar cada vez mais fundo em sua continuidade. Foi esse trabalho secular que deu nome e território à comunidade (Figura 2).

É por isso que as mulheres desempenham um papel central nesse processo de envelhecimento comunitário. Ser dona de casa ali nunca significou apenas “auxiliar”, mas exercer uma função de proto-organização da vida coletiva, a velhice das mulheres nesse sentido, não é apenas idade, mas uma temporalidade que sustenta o cotidiano com paciência, insistência e generosidade. A cozinha comunitária é o coração do arquivo feminino.

Figura 2 – Relato sobre a origem do nome Andirobal no diário de Francisco.



Fonte: Diário de Francisco dos Remédios. Andirobal/MA, 2024

Longe dos papéis e das anotações, a memória aqui é gustativa, sonora, olfativa. As receitas são transmitidas não por escrito, mas em gestos repetidos, em conversas que atravessam gerações. O cheiro da farinha assando no forno de barro, o som do pilão, o gosto do beiju: tudo isso é registro e é afeto. A velhice feminina, nesse contexto, é a guardiã desse arquivo que nutre os corpos e mantém a coletividade unida.

Nesse contexto, o manejo da andiroba configura-se como um trabalho específico, distinto da lida na roça, protagonizado majoritariamente por mulheres e estruturado a partir de técnicas compartilhadas entre gerações. Esse processo envolve etapas como a coleta dos frutos, o preparo da massa para a produção de sabão e a extração do óleo, que em contextos anteriores servia de eletrificação, como fonte de iluminação por meio do uso em candeeiros, exigindo conhecimento, tempo e cooperação. Trata-se de um trabalho que articula cuidado, produção e transmissão de saberes, evidenciando que a manutenção da vida comunitária também se sustenta em práticas não reconhecidas como produtivas nos marcos econômicos formais.

Essa temporalidade do cuidado não se encerra nas mulheres idosas: ela se inscreve também nos corpos das mais jovens que aprendem pela observação. O tempo da cozinha, da paciência no preparo da andiroba ou da repetição dos gestos cotidianos é também uma pedagogia silenciosa. As crianças e jovens, ao acompanhar essas práticas, são formadas não apenas na técnica, mas no ritmo da insistência e na ética da partilha. O envelhecer feminino, nesse sentido, projeta-se no futuro, transmitido nas dobras do cotidiano às novas gerações.

A farinha feita para se compartilhar, o peixe limpo para o almoço comunitário, os bolos de festas para o bingo, a costura noites adentro para as roupas do festejo de São Raimundo Nonato, celebrado no mês de agosto, coexistindo com as práticas devocionais a São Sebastião, antigo padroeiro da comunidade, cuja memória permanece viva nas rezas do terço comunitário, todos esses gestos constituem mais do que tarefas domésticas: são práticas que estruturam a economia da partilha. No Andirobal, envelhecer é também permanecer nesse círculo de partilhas, onde farinha, peixe, beiju e lembranças circulam carregando o tempo, o trabalho e a alma de quem dá. Como diz Francisco, “o que se dá com o coração, volta com fartura”, e essa fartura, longe de ser abundância material, é suficiência compartilhada.

Nego Bispo (2023) chama de *biointeração* essa forma de viver em que humanos e não-humanos compartilham o mesmo território. No Andirobal, envelhecer é também saber escutar o canto do canã que anuncia serpentes, respeitar a cobra que atravessa o quintal, cuidar da árvore que alimenta toda a vizinhança. A velhice se torna escola: não no quadro negro, mas na observação paciente dos sinais da mata e na delicadeza do trato com os outros seres vivos. Envelhecer é aprender a não se separar da terra, mas a fazer parte dela. O devir quilombola e a biointeração se encontram nos corpos envelhecidos de homens e mulheres: um corpo que guarda rastros, mas também abre caminhos.

Nesse sentido, a velhice das mulheres do Andirobal vai ao encontro do conceito de *amefricanidade*¹⁰, uma vez que nas cozinhas comunitárias a memória, a fé e o trabalho se entrelaçam em gestos que garantem a continuidade da vida coletiva. Ao envelhecer, essas mulheres transformam o preparo dos alimentos em ato de preservação cultural: cada tempero e cada modo de preparo carrega rastros de ancestrais, afirmando uma temporalidade que resiste à pressa colonial. Nesses espaços de partilha, a velhice feminina não é retirada da vida, mas tecnologia de permanência, reafirmando que o cuidado e a repetição são caminhos para sustentar o território e projetar o futuro da comunidade.

Como pesquisadora e neta, escrevo também a partir desse atravessamento. A velhice da comunidade me atravessa como método e como afeto. É na escuta dos homens que aprendemos a vigiar os vestígios, é no gesto das mulheres que aprendo o tempo da paciência. Pesquisar o Andirobal é também me deixar transformar por essa ética, em que envelhecer não significa perder, mas compartilhar. É nesse entrelaçamento que a antropologia se reinventa: quando reconhece que teoria e vida, memória e futuro, corpo e método não se separam.

Tal perspectiva aproxima-se de debates antropológicos que tensionam a ideia de neutralidade na produção do conhecimento, evidenciando o corpo como lugar de enunciação e experiência. Nesse sentido, a escrita etnográfica deixa de ser apenas representação e passa a ser também implicação, como sugere a autora Lila Abu-Lughod (2018), ao problematizar a separação entre sujeito e objeto na antropologia, e abordagens decoloniais que destacam a centralidade das experiências situadas na construção do saber. Assim, a posição da pesquisadora, enquanto pertencente, não constitui um obstáculo metodológico, mas uma condição de possibilidade para a produção de um conhecimento comprometido com a realidade investigada.

Envelhecer no Andirobal: mais que lida, memória e partilha

No Andirobal, envelhecer não é apenas acumular anos. É guardar um *devoir quilombola*, no sentido mais profundo proposto por Mariléia de Almeida (2021), um movimento contínuo de resistência, sempre em processo, que não se fixa no passado nem se acomoda no presente.

¹⁰ Amefricanidade é um conceito formulado por Lélia Gonzalez (1988) para nomear a experiência cultural e política resultante do encontro e da fusão de matrizes africanas e indígenas nas Américas, ressaltando práticas de resistência, memória e criação que escapam às lógicas coloniais.

Os mais velhos podem ser compreendidos como guardiões desse dever, não por habitarem um tempo separado, mas por encarnarem uma forma de historicidade em que passado, presente e futuro se entrelaçam. Nas cosmologias afro-diaspóricas, o tempo não se organiza de maneira linear, mas em dinâmica espiralar, na qual cada gesto, narrativa ou conselho atualiza uma história em permanente continuidade. Nesse horizonte, a velhice deixa de ser ponto de chegada e se configura como prática social de continuidade, assegurando a permanência e a renovação da vida quilombola diante de contextos históricos de apagamento.

Essa continuidade se explica também pelo conceito de *biointeração*, formulado por Antônio Bispo dos Santos (2023). Bispo não fala de um contato romantizado com a natureza, mas de um sistema de trocas em que seres humanos e não humanos se afetam e se transformam mutuamente. Biointeragir é reconhecer que solo, plantas, águas e gente formam um único corpo vivo, e que as práticas de cultivo, colheita, pesca, manejo e celebração não são apenas economia, mas também epistemologia. Para Bispo, esse processo não é “harmonia” natural, é sim uma pedagogia política: o ambiente devolve ao corpo aquilo que o corpo produz na relação de cuidado.

Em comunidades quilombolas, a velhice é um ponto estratégico dessa rede. O corpo idoso, marcado por décadas de trabalho e escuta do território, torna-se arquivo sensível de saberes ambientais e, ao mesmo tempo, fator de estabilidade ecológica e cultural. Há quem, depois de se aposentar, sonhe em se mudar para o campo, plantar um jardim, ter um quintal de árvores frutíferas. No Andirobal, esse desejo nunca foi fuga; é continuidade. Os velhos não “retornam”, porque nunca saíram do diálogo com a terra. Eles encarnam um modo de vida que o mundo urbano tenta copiar em chácaras de fim de semana. Aqui, o que outros chamam de “qualidade de vida” é apenas viver. O corpo envelhece, mas não se descola do território: ele se torna território.

Essa compreensão dialoga com a literatura sobre envelhecimento, que enfatiza seu caráter híbrido, simultaneamente biológico e sociocultural. Conforme discutido por Minayo e Coimbra Jr. (2002), o envelhecimento não pode ser reduzido a um processo fisiológico, sendo também produzido nas relações sociais, nos contextos históricos e nas formas de inserção dos sujeitos em seus territórios. Tal perspectiva contribui para compreender que, no Andirobal, o envelhecer não se dissocia das condições materiais e simbólicas da vida comunitária, mas se constitui precisamente na articulação entre corpo, território e pertencimento.

O bem-estar que os pertencentes da comunidade relatam — e que estudos sobre envelhecimento rural também observam em outros contextos brasileiros¹¹ — não é mero “ar puro”, mas resultado desse circuito de trocas que fortalece tanto o ambiente quanto a comunidade.

O estudo Idosos quilombolas, identidade étnica e memória (Oliveira et al., 2018) ajuda a compreender o alcance desse fenômeno. Ao analisar quilombos do Rio Grande do Sul, a pesquisa demonstra que os mais velhos são referência central da identidade étnica, não apenas como “contadores de história”, mas como sujeitos que sustentam o tecido social. Para além das especificidades regionais, o argumento é válido para pensar o Andirobal: ali também a velhice opera como eixo de transmissão da memória coletiva e como força política diante do racismo estrutural e da negligência estatal. Ao articular memória e pertencimento, os idosos se tornam agentes de um saber que escapa às classificações oficiais, tensionando o epistemicídio que Boaventura de Sousa Santos (2007) descreve ao falar de “ecologia de saberes”¹². A velhice quilombola, nesse sentido, é prova viva de que diferentes formas de conhecimento — oral, corporal, territorial — não são resíduo do passado, mas estratégias de futuro.

Essa dimensão racial é incontornável. O envelhecer negro-quilombola acontece sob camadas de desigualdade: a herança da escravidão, o racismo ambiental, a invisibilidade nas políticas de saúde e previdência. Envelhecer no Andirobal é enfrentar esses vetores sem abrir mão da coletividade, produzindo o que Santos (2007) chamaria de contra-hegemonia epistemológica¹³. O corpo idoso torna-se arquivo político, não só porque

¹¹ Estudos sobre envelhecimento rural no Brasil indicam que os idosos que residem em áreas rurais frequentemente relatam níveis elevados de bem-estar e qualidade de vida. Um estudo conduzido por Oliveira et al. (2018) evidenciou que fatores como convivência comunitária, contato com a natureza e alimentação baseada em produtos locais contribuem para melhores condições de saúde e funcionalidade física nos idosos do meio rural. De forma semelhante, reportagens jornalísticas apontam que o estilo de vida rural, com menor exposição ao estresse urbano e maior atividade física diária, favorece a manutenção da autonomia e da saúde geral dos idosos (Gazeta do Povo, 2009).

¹² O conceito refere-se a uma perspectiva que reconhece a existência e o valor de múltiplos saberes, especialmente aqueles produzidos fora dos circuitos acadêmicos ou oficiais. Trata-se de um convite à convivência e ao diálogo entre diferentes formas de conhecimento, sejam eles científicos, tradicionais, populares e/ou comunitários, valorizando saberes marginalizados ou subalternizados, e tensionando processos de epistemicídio, ou seja, o apagamento sistemático de conhecimentos considerados não-legítimos.

¹³ Refere-se à prática de resistência intelectual e política frente à dominação de saberes oficiais ou hegemônicos. Trata-se de estratégias de legitimação de conhecimentos subalternos, de modos de produzir, transmitir e validar saberes que escapam ao controle das instituições centrais, confrontando estruturas que promovem o epistemicídio e fortalecendo a autonomia cognitiva de grupos historicamente marginalizados.

guarda narrativas, mas porque sua própria presença desestabiliza a lógica linear do desenvolvimento. A cada festa comunitária, a cada reunião da associação, a cada roçado coletivo, os mais velhos reafirmam que a história quilombola não é um passado remoto, e sim um presente ativo que projeta futuro.

Comparado a outros contextos de envelhecimento rural, o Andirobal confirma observações recorrentes em pesquisas nacionais: morar e envelhecer no campo pode favorecer saúde mental e sensação de bem-estar, apesar da precariedade de serviços. Mas o que aqui se destaca é a forma como a biointeração e o devir quilombola se entrelaçam. Não se trata apenas de ar limpo ou alimentação orgânica. Trata-se de um regime de saberes que coloca a terra como coautora da vida social e a velhice como mediadora dessa coautoria. O idoso não é depositário de uma tradição imóvel, mas agente de uma temporalidade em que cada prática cotidiana, do plantio à reunião da associação comunitária, é também atualização política e cosmológica.

Envelhecer no Andirobal, portanto, é mais que experiência biológica. É ser guardião de um tempo espiralar, onde memória e projeto se confundem. É participar de uma rede de biointerações que produz saúde, pertença e resistência. É afirmar, diante das tentativas de silenciamento, que a vida quilombola segue em movimento. A velhice não encerra nada: ela reabre, reorganiza e devolve o futuro ao presente.

Considerações Finais

A pesquisa como partilha: etnografia e afeto

A própria forma de pesquisar também envelhece e se renova, escrever este trabalho ao lado do meu avô Francisco, é também um gesto de experimentação metodológica. Não somente no sentido de “inovar” para atender às exigências da academia, mas no de reconhecer que o conhecimento nasce no quintal, na cozinha, no caderno improvisado, e que só faz sentido se puder retornar a esses lugares. A pesquisa, neste caso, não se dá em campo distante, mas em campo íntimo: é o chão em que cresci, a voz que me embalou, a memória que herdei antes mesmo de saber que era memória.

O diário é um exemplo claro dessa experimentação. Longe dos arquivos estatais, ele se torna aquilo que Derrida (2001) chama de *arquivo em disputa*. Ao registrar ele rompe com o epistemicídio que, como aponta Boaventura de Sousa Santos (2007), marca comunidades rurais e quilombolas. Ao assumir esse caderno como coautoria, reconhecemos que a produção de conhecimento não é solitária, mas compartilhada aqui em diferentes mãos e modos de pensar.

A escrita deixa de ser gesto individual e se torna prática comunitária, de devolução. A presença fragmentada e muitas vezes insuficiente de políticas públicas (especialmente nas áreas de saúde e educação do campo), são marcas de um epistemicídio institucional que tenta decretar a inexistência de comunidades como a nossa. Mas a escrita de Francisco é uma ferramenta para contestar isso. Enquanto o Estado insiste em não nos ver, o diário de meu avô insiste em nos nomear. Reivindicando que a memória é um direito inegociável. A velhice de Francisco é, portanto, uma batalha diária contra o esquecimento, transformando o ato de lembrar em um ato de luta.

Essa escolha metodológica também dialoga com Nego Bispo (2023), quando afirma que compartilhar é mais do que trocar: é viver em comum. A pesquisa aqui se constrói como partilha: das palavras, das memórias e das páginas. Cada relato de Francisco não é apenas “dado”, mas presença. Cada conversa no quintal não é apenas “entrevista”, mas encontro. Cada gesto de escrita não é apenas registro, mas reciprocidade. É nesse sentido que a etnografia se torna inventiva: porque não separa teoria de chão, nem conceito de cozinha.

A ética que sustenta esse processo não é neutra nem protocolar. É uma ética atravessada pelo afeto, pela proximidade, pela confiança. Ser neta e pesquisadora não é contradição, é condição. Ao escrever com Francisco, experimento uma antropologia que não teme ser afetada, que reconhece que os rastros da velhice atravessam também a juventude, que a memória do outro se torna parte da nossa própria identidade. O método, aqui, é relação compartilhada também em orientação e produção.

Essa forma de pesquisa nos obriga a repensar o lugar do corpo no conhecimento. O corpo que escuta histórias na sombra da mangueira, que participa do mutirão de roça, que dança no festejo do padroeiro, que se comove diante do risco do esquecimento. É um corpo implicado, que não observa de fora, mas se deixa marcar. Essa corporeidade é também escrita: cada página deste trabalho carrega a vibração do vivido, daquilo que não se reduz ao papel, mas que insiste em permanecer como vestígio (Sharpe, 2023).

Ao reunir essas experimentações, este trabalho se situa na fronteira entre a teoria e a prática, entre a memória e o futuro. É uma antropologia que se escreve junto, com as rugas de Francisco, com o trabalho dos homens, com as mãos das mulheres que partilham, com os passos da juventude que ainda ensaia o seu retorno. Mais do que “objeto” de estudo, o Andirobal é sujeito e autor: sua voz ressoa nestas páginas, lembrando que o conhecimento, quando é vivo, não cabe nos limites da neutralidade, mas floresce na ética da relação.

Ao propor essa articulação entre envelhecimento, memória, biointeração e devir quilombola, este trabalho contribui para os estudos sobre velhice ao deslocar o foco das abordagens biomédicas e individualizantes para uma compreensão situada, relacional e comunitária do envelhecer. Ao invés de tratar a velhice como declínio ou etapa final da vida, o artigo a apresenta como prática social e política de continuidade, evidenciando como, em contextos quilombolas, envelhecer é também sustentar epistemologias, territórios e futuros coletivos. Dessa forma, o Andirobal não aparece apenas como objeto empírico, mas como produtor de teoria, tensionando os limites do campo gerontológico e antropológico.

Velhice como prática de permanência e criação de futuro

No percurso do Andirobal, a velhice revelou-se menos como fase biológica e mais como prática de permanência e criação de futuro: é prática de continuidade, de memória e de comunhão com a terra. Ao longo deste trabalho, a velhice apareceu não como etapa terminal, mas como um modo de permanecer em movimento, de sustentar vínculos e de cultivar um presente que carrega o passado e anuncia o futuro. A experiência de Francisco dos Remédios, seu diário e a oralidade que atravessa a comunidade mostraram que lembrar é um ato de amor, mas também político, uma forma de garantir que o apagamento não se torne sentença.

A velhice, nesse contexto, é mais do que idade: é cuidado, vigilância, resistência. É um corpo que não só carrega as marcas do passado, como também traça novos rumos para o futuro, ensinando que o tempo não é linha reta, e sim círculo de partilhas. Como vestígio vivo, o Andirobal insiste em existir mesmo diante da invisibilidade estatal, revelando que a memória comunitária é uma tecnologia ancestral de futuro.

Envelhecer no Andirobal é, portanto, um ato de resistência que se manifesta de forma plural e complementar. Enquanto os homens, como Francisco, transformam a lida da roça e a escrita de diários em um arquivo vivo de memória, as mulheres sustentam essa coletividade com o trabalho de cuidado e partilha. Ambos os gestos são tecnologias de permanência que garantem que o tempo e o território não sejam apagados.

Se o corpo envelhecido de um homem é muitas vezes lido pela sociedade como sinal de esgotamento, fragilidade ou inutilidade, no Andirobal ele se afirma como horizonte de saber sagrado. A dureza da lida rural, somada ao racismo nas suas diversas formas, que restringe o acesso à saúde, ao descanso e às condições dignas de vida, exemplifica aquilo que Achille Mbembe (2018) denomina *necropolítica*: a lógica de um poder que define quem deve viver e quem está destinado à morte, quem é considerado

descartável ou inútil, e quem pode ocupar o espaço de visibilidade social e política. No Brasil, essa lógica atravessa historicamente o corpo negro, relegando-o às margens da sociedade, e no campo ela se manifesta de formas concretas: terra expropriada, serviços públicos precários e envelhecimento invisibilizado.

No entanto, os corpos dos mais velhos no Andirobal contestam essa narrativa. Marcados pelo sol, pelo trabalho e pelo tempo, esses corpos tornam-se resistência material, evidência de que permanecer é insubordinação.

Para Mbembe (2018), a necropolítica não se limita à morte física; ela também se realiza na destruição de formas de vida, na desvalorização de corpos e experiências, e na exclusão de grupos inteiros da esfera da possibilidade social e política. No Andirobal, essa lógica de poder se choca com a prática cotidiana da velhice: os mais velhos produzem sentido, transmitem conhecimento, estabelecem relações de cuidado e memória que desafiam a ideia de que seus corpos seriam desnecessários. A velhice negra, portanto, é insurgente: resiste não apenas ao tempo, mas às estruturas de morte que tentam invisibilizá-la.

Sua autoridade não é apenas moral ou simbólica; é política. É uma pedagogia racial que instrui os jovens sobre como viver e permanecer no mundo apesar das condições adversas. A transmissão de conhecimento sobre o ciclo das plantações, sobre as relações comunitárias e sobre a terra não é neutra: é um modo de desafiar a necropolítica, de afirmar que o corpo negro é válido, produtivo, central para a continuidade da vida coletiva. E que produz saúde no e a partir do que a terra dá, como no manejo da andiroba, cujo óleo, usado no cuidado de inflamações, dores e como repelente, já iluminou também as casas da comunidade nos candeeiros. Mais do que recurso, a andiroba revela uma farmacopeia viva, onde cuidado, território e memória se entrelaçam no cotidiano.

Nesse sentido, a velhice se torna arquivo vivo de resistência. Ela reúne memórias, saberes e experiências que a sociedade tenta invisibilizar, e torna-se instrumento de afirmação de existência. A pedagogia dos corpos envelhecidos nos diz que cada vida negra mantida no campo é um gesto de recusa à lógica de morte, um lembrete de que o futuro da comunidade depende da valorização desse passado vivo.

O envelhecer quilombola é, em última instância, um projeto de futuro negro. Saidiya Hartman (2021) descreve a violência do arquivo colonial, que decide quem será lembrado; Francisco, ao escrever seu diário, pratica uma insurgência contra essa violência, produzindo um arquivo que devolve nomes ao mundo. Essa escolha é também uma aposta na certeza de que a vida negra cria porvir mesmo quando o presente é hostil. Cada

idosa que mantém o fogo aceso, cada idoso que conta a história da roça, abre caminho para uma juventude que poderá envelhecer em dignidade. A velhice, assim, não é apenas memória; é antecipação, é planejamento de um amanhã em que o racismo não seja sentença. Reconhecer essa dimensão é reconhecer que o Andirobal, em sua insistência, é também laboratório de um futuro coletivo.

Nesse contexto, a própria longevidade desafia a lógica do apagamento, tornando o envelhecer um ato político que subverte as violências históricas. Chegar à velhice aqui é desafiar a lei da gravidade, do epistemicídio e das violências que tentam decretar a inexistência desses corpos e saberes desde o nascimento, afirmando que a vida, quando enraizada na coletividade, floresce contra todas as expectativas. A velhice masculina e a feminina se entrelaçam em uma única e potente rede de solidariedade, mostrando que a resistência é uma prática diária, compartilhada e encarnada nos gestos de quem ainda insiste em permanecer.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. *A Escrita contra a cultura*. Tradução de Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego e Leandro Durazzo. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, Natal, v. 5, n. 8, p. 193-226, jan./jun. 2018.

ALMEIDA, Mariléia de. *Devir quilomba e a feminização do conceito de quilombo no Brasil*. São Paulo: Instituto Geledés, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/devir-quilomba-e-a-feminizacao-do-conceito-de-quilombo-no-brasil/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BARBOSA, A. P. et al. *Level of physical activity and quality of life: a comparative study among the elderly of rural and urban areas*. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 18, n. 4, p. 743–754, out. 2015.

BRASIL. *Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e Floresta*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacoes_campo.pdf. Acesso em: 20 mar. 2026.

BLAIKIE, Andrew. *Ageing and popular culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FREITAS, A. S. . *A crítica da razão utilitária e a fundamentação ontológica das escolhas metodológicas no paradigma da dádiva*. Sociedade e Estado , Brasília, v. XVII, n.2, p. 309-332, 2004.

FREITAS, D. A. et al. *Saúde e comunidades quilombolas: uma revisão da literatura*. Revista CEFAC, v. 13, n. 5, p. 937–943, set. 2011.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N° 92/93. 1988.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. tradução José Luiz Pereira da Costa. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MAUSS, Marcel. "*Ensaio sobre a dádiva*". In: Sociologia e antropologia, vol. II. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1974.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MORAIS-LIMA, Andressa Lidicy. *A metafísica do "vestígio"*. Argumentos - Revista de Filosofia, [S. l.], v. 16, n. 32, p. 270–276, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/93548>. Acesso em: 20 jun. 2025.

OLIVEIRA, Simone Barros et al. *Idosos quilombolas, identidade étnica e memória*. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 2018.

PEIXOTO, Clarice. *Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar*. In: Peixoto, C. (orgs.). Família e Envelhecimento. Rio de Janeiro: FVG, 2004.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Quilombos: Modos e Significados*. Teresina: Editora COMEPI, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul: a reinvenção do conhecimento e a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SHARPE, Christina. *No Vestígio: negridade e existência*. São Paulo: Editora Ubu. 256 pp., 2023.

SILVA, Maria Gizele da. *Envelhecer no campo é mais saudável*. Gazeta do Povo, Curitiba, 21 de out de 2009. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/envelhecer-no-campo-e-mais-saudavel>. Acesso em: 24 set. 2025.

SILVA, L. R. F. *Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?*. Physis: Revista De Saúde Coletiva, 18(4), 801–815. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312008000400011>, 2008.

Mayara Ferreira; Andressa Morais Lima

Recebido em 30 de setembro de 2025

Aceito em 08 de março de 2026